

Insculpturas em rocha em castros de Val-de-Vez, ou varios penedos com pias

As tres gravuras, que acompanham este artigo, representam umas cavidades abertas em penedos de granito, proximos dois do castro de Azere, pertencente outro ao castro de Cabreiro, e ambos situados no concelho dos Arcos-de-Val-de-Vez.

O penedo reproduzido na fig. 1, está em uma das abas das eminencias que se ligam ao chamado *castello de S. Miguel-o-Anjo*, em Azere, ao qual já me tenho referido nesta mesma revista.

Ao sitio chamam o *Purto*¹; é lugar apertado no fundo de duas encostas fronteiras, cujos flancos se cortam numa linha de grande declive, marcada por um estreito córrego, por onde desce um escasso regatinho, humilde e bucolico, ensombrado de franzelhas (*osmunda regalis*) e avencas. Esse fio de água vae passar a uns 15 metros de distancia do penedo em que está insculpida a *pia*².

A vegetação das devesas minhotas, coando a luz quente do sol sobre aquelle rochedo, insensivelmente lança o espirito de quem, sendo attreito a devaneios de cousas archaicas e mouras encantadas, visita o lugar, para as regiões ainda mysteriosas de longinquo passado.

A grande fossa, insculpida no penedo a que me refiro, occupa uma extremidade da pedra, hoje quasi nivelada com o solo, em consequencia das erosões de terras mais altas. A sua face superior é levemente convexa. A excavação não é geometricamente circular, porque o diametro varia de 0^m,85 a 1 metro; mas, aos olhos desprevenidos do observador, parece representar um circulo perfeito.

O fundo é perfeitamente continuo e de uma concavidade apenas perceptivel, mas, em virtude do arredondado da face superior do penedo, a profundidade da fossa varia entre 0^m,20 e 0^m,32. Na parte mais proxima da borda do penedo abre para fóra, ao nivel do fundo, por um rego ou canal que, em razão do seu proprio declive e da propositada encurvadura do mesmo fundo, daria completo escoamento a qualquer liquido que a *pia* pudesse conter.

¹ É esta a pronúncia local; supponho porém que se deverá escrever *Pulto*, como *último* (úrtime), *julgar* (jurgar), *azul* (azur), etc.

² Disse-me o meu cicerone que d'esse regatinho, e de uma fonte que rebenta uns 100 metros a cima e que nunca secca, fonte do tempo dos *mouros*, fallam os *roteiros*.

Este canal tem na entrada, sobre as paredes da fossa, a largura de 0^m,09, conservando-a até á distancia de 0^m,27. Aquí o seu lastro tem um rebaixo ou pequeno degrau de 0^m,03 ou 0^m,04 de altura. Acompanhando esse pequeno desnivelamento, as paredes do rego tambem foram respectivamente alargadas, distanciando-se portanto mais uma da outra, até á borda do penedo e extremidade do canal. A largura pois do canal, neste segundo troço, é de 0^m,17; e o seu comprimento 0^m,25. É preciso porém reparar na seguinte particularidade.

De cada lado do rego, sobre as suas paredes verticaes, e principalmente no seu proprio fundo, praticaram-se no granito, embora já hoje mal accentuados por meio-gastos do tempo, uns estreitos rasgos ou sulcos contiguos ao resalto para a parte externa, os quaes denunciam com toda a clareza uma disposição adequada ao encaixe e manobra de uma adufa ou comporta¹ que, fechando ahi o canal quando fosse mister, impedia temporariamente a saida do liquido ou antes da massa que a fossa contivesse. Não póde ser outra a explicação².

O rego termina, morre numa face da rocha quasi vertical a uns 0^m,20 do chão³.

Em redor da fossa, na aresta não ha resalto algum nem rebaixo. No resto da fraga, que mede no seu maior diametro 4 metros, tambem nada mais se encontra de particular.

¹ Este mesmo systema de vedar um recinto é usado na Citania nos pequenos quinteiros das casas. Ahi eram cancellas ou tabuas que corriam nos rasgos ou calhes dos tranqueiros lateraes. Vid. *Observações á Citania de E. Hübner*, por Martins Sarmento, p. 13, nota 7.

² Mas evidentemente a vedação de um liquido puro por este systema não podia ser perfeita, nem jámais o pudera ter sido com granito aspero e *galhudo* (granuloso) do penedo; entre as arestas da adufa de madeira e os rasgos da pedra ficavam pequenos intersticios que deixariam esvasiar o recipiente em pouco tempo. Ou então devemos convir em que essa cuba fôra feita para receber um corpo não liquido, mas simplesmente embebido de um liquido, do qual se procuraria separá-lo.

³ Para aproveitar pois o liquido, obstando a que escorresse inutilmente por essa face, seria preciso collocar no seu extremo uma bica de qualquer natureza que fosse. Ainda hoje nas nascentes pouco abundantes, eu tenho visto, para inteiro aproveitamento da água, collocar, a modo de bica saliente, uma simples folha de arvore, com a conveniente consistencia, folha que se arqueia em meiacanna. Fosse qual fosse o destino d'este recipiente, não tinha elle de certo sido excavado com tanta fadiga, senão para cuidada utilização do liquido que nelle se obtinha. Para isso, o remate do canal era de evidente imperfeição, o que em todo o caso me suggere que seria transitoria e não continuada nem constante a operação ali realizada e que o penedo ainda hoje conserva a sua primitiva situação.

Naturalmente perguntei ao homem, que foi mostrar-me esta *pia*, qual teria sido o seu destino. Respondeu-me que *aquillo era do tempo dos mouros e d'elles fazerem ali o vinho*; affirmava-se mais que ali, algures, houvera uma casa *desde o principio do mundo*. E fez-me notar que pela parte de cima se conheciam ainda vestigios de antigo cultivo; de facto, o terreno naturalmente declivoso mostra ainda hoje os côrtes das *leiras* abandonadas, aonde agora vegeta o matto e crescem os carvalhos.

Não fiquei eu sabendo mais nem melhor do que o meu rude cicerone, depois de ter gasto algumas horas, que elle poupou, em folhear o que outros pudessem ter pensado e escripto sobre monumentos d'esta natureza. Mas se era vinho (ou azeite?) o que ali se fabricava,

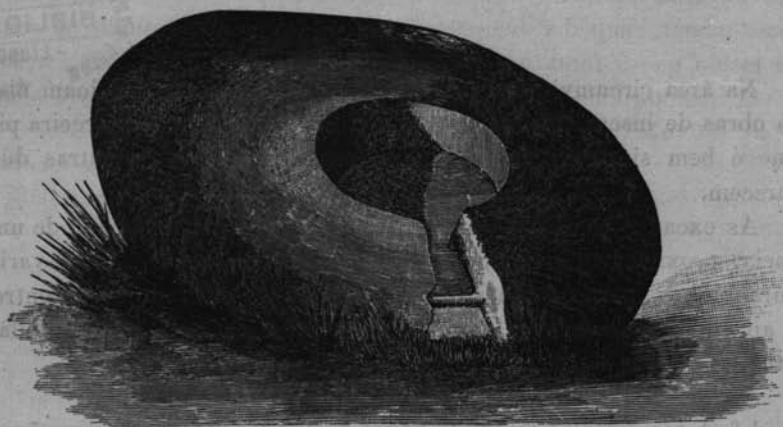


Fig. 1

delicioso e raro nectar devia elle ser naquelles tempos, para compensar o insano trabalho de excavação d'aquella fossa em granito da mais dura especie, talvez com instrumentos de apoucada resistencia!

E comtudo estou hoje convencido, pelas razões que exporei, de que acertada era, pelo menos para esta fossa, a explicação que me fornecia a simpleza de um analphabeto, quem sabe se a inconsciente voz de uma tradição...

*

Continuando a pesquisar minuciosamente o sítio, encontrei, á distancia áproximada de 200 metros, pelo monte a cima, outra bacia cavada na rocha, mal esboçada apenas, da qual o meu guia nem era

conhecedor. O penedo em que está, pendura-se sobranceiro ao mesmo córrego, a que já me referi. É uma excavação de fôrma quasi rectangular, com os angulos internos arredondados, tendo de profundidade apenas 0^m,05. Dos lados mede 1^m,1 por 0^m,95. Para a banda do nascente ha um sulco da largura de 0^m,1 e comprimento de 0^m,17, o qual principia na circumferencia d'esta bacia, tendo abi um resalto de 0^m,03 e termina sobre uma face vertical do penedo, que mede a altura de 0^m,95.

A um canto, a pedra mostra uma fenda que attinge um lado do recipiente e que, se não é posterior á sua utilização, devia ter sido causa do seu abandono¹, porque escoaria qualquer liquido que elle contivesse. Era um penedo *fôlqueado*, segundo a expressão do velho lavrador, meu cicerone². Esta pequena excavação estava portanto tambem á borda do rochedo.

*

Na área circumvizinha d'este castro de S. Miguel não ficam muito as obras de insculptura em rocha. Vou dar conta de uma terceira pia, que é bem singular por ter um appendice de que as outras duas carecem.

As excavações abertas neste grande rochedo constam: 1.º, de uma bacia, proximamente circular, de pouca profundidade; 2.º, de varios buraquinhos, para os quaes o meu octogenario cicerone só encontrou o appellativo *dentadellas*; 3.º, de uma fossa de base quadrangular, situada á borda do penedo e aberta por um dos lados maiores.

Auxiliarei a descripção com o schema da fig. 2.

1.º A pia circular foi muito pouco profundada, mas a inclinação do seu lastro é sensivel no sentido da caixa rectangular contigua, de fôrma que embora nalguns pontos do seu circuito não haja resalto ou rebaixo fig. 2 (*o, o*), qualquer liquido tenderia naturalmente a reunir-se na fossa quadrangular. Nos pontos *c, c* e *d*, o rebaixo para a parte interna mede apenas 0^m,05 e 0^m,1. Este córte da rocha é evidentemente obra do homem, o mesmo não direi do designado pela minuscula *e* que é attribuível a causas naturaes. Esta desigualdade das paredes da excavação relaciona-se com as asperezas da superficie da pedra. Os seus

¹ É vulgar encontrarem-se penedos fendidos e ainda retalhados completamente pelos raios.

² Escrevo *fôlqueado* ou melhor *fôlequeado*, porque oíço dizer: este penedo tem um *fôlego*; não *fôlgo*, que seria pronunciado *fôrgo*, como *fôlga* pronunciam *fôrga*; *bolso*, *borso*, etc. Vid. p. 289, nota 1.



diametros AB e CD medem respectivamente $1^m,25$ e $1^m,17$. Já disse que esta tina é cortada por uma das paredes verticaes da caixa rectangular; as letras PQ marcam a linha de contacto; não ha ali vestigios de qualquer rego ou sulco.

2.º Na superficie do penedo, superficie grosseiramente chã, vêem-se cinco buraquinhos, um só dos quaes está dentro da excavação circular.

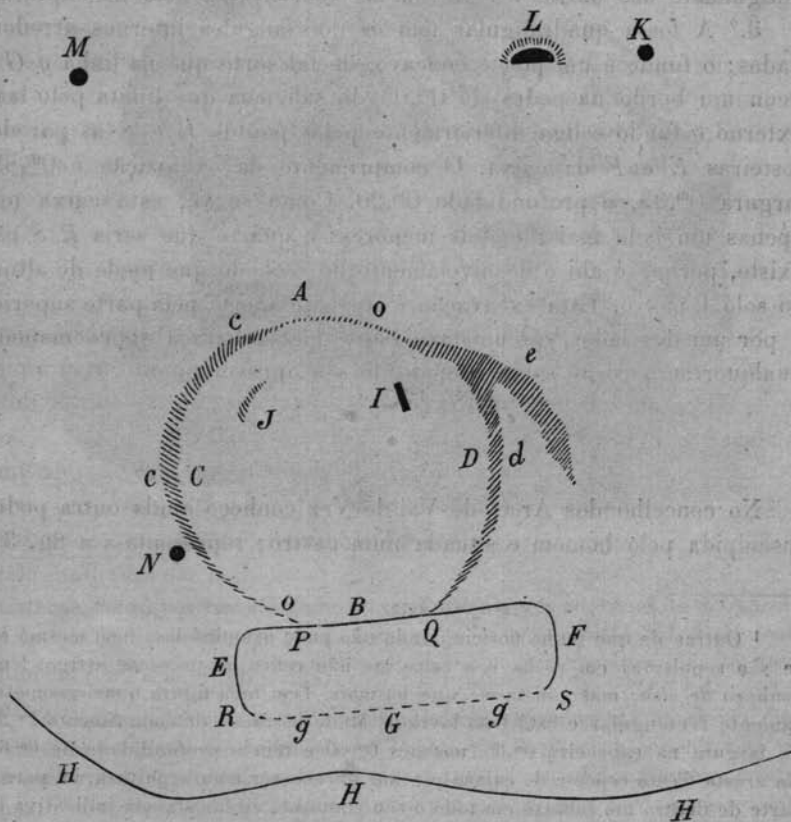


Fig. 2

A figura indica a sua situação relativa. O buraco K tem $0^m,1$ de profundidade e $0^m,07$ de diametro na bôca. Dista $0^m,30$ do L , cuja fórmula é semi-lunar e que me pareceu ser feito modernamente por cunha de aço temperado, com que ainda ha poucos annos se despedaçava a rocha, quando d'ella se pretendiam cantarias. O mesmo juizo faço do buraco I , cuja profundidade é $0^m,05$ e comprimento $0^m,14$; este acha-se dentro da excavação circular. A fossasinha M é circular; tem a profundidade

de 0^m,07 e o diâmetro de 0^m,05 e dista 1^m,45 de *L*, occupando com *K* a mesma linha recta. Falta o buraco *N*, que foi aberto junto á pia; tem de fundo 0^m,1 e de diâmetro 0^m,09. Em *J* ha um pequeno resalto que me parece natural.

Confesso não perceber a relação entre as duas excavações e estas buraquinhas ou cúpulas ainda exceptuando as duas que presumo serem modernas. Mas também não tenho argumentos para fundamentar a antiguidade das outras e relacioná-las com as restantes insculpturas.

3.º A fossa quadrangular tem os dois ângulos internos arredondados; o fundo é um pouco concavo, de tal sorte que na linha *g G g* ficou um bordo na pedra de 0^m,05 de saliência que limita pelo lado externo o fundo e liga inferiormente pelos pontos *R* e *S* as paredes testeiras *E* e *F* da caixa. O comprimento da excavação é 0^m,85; largura 0^m,33, e profundidade 0^m,20. Como se vê, esta caixa tem apenas um lado maior e dois menores; o quarto que seria *R S* não existe, porque é ali o desnivelamento do rochedo que mede de altura ao solo 1 metro. Esta excavação é portanto aberta pela parte superior e por um dos lados, circumstancia que me embaraça sobre maneira qualquer supposição sobre o modo do seu aproveitamento.

*

No concelho dos Arcos-de-Val-de-Vez conheço ainda outra pedra insculpada pelo homem e situada num castro; representa-a a fig. 3¹.

¹ Outras de que tenho notícia, ainda não pude examiná-las; nem mesmo sei se são sepulturas em rocha e a estas me não refiro no presente artigo. Uma conheço *de visu*; mas consta-me que ha mais. Tem uma figura quasi geometricamente rectangular e está bem lavrada. Mede no fundo de comprimento 2^m,30, de largura na cabeceira 0^m,65, nos pés 0^m,60 e tem a profundidade de 0^m,65. Na aresta d'esta especie de caixa, que me parece ser uma sepultura, ha para a parte de dentro um rebaixo em todo o seu contorno, circumstancia indicativa de ter sido tapada com pedras ou lages que ali se ajustavam.

Em Panoias ha uma fraga com fossas semelhantes e com os mesmos rebaixos, mas alem d'estes ha um resalto em todo o circuito, como para evitar a infiltração das águas naquelles recintos, particularidade que não se dá naquella a que me refiro. (Vid. *O Arch. Port.*, III, 58 e *Memorias de Argote*, p. 332.)

O terreno aonde se encontra o enorme penedo em que foi aberta aquella cavidade, é abundante em tijolos (cf. *O Arch. Port.*, I, 9 e 189) e o povo refere que os gallegos tem proclamado que a quinta dentro da qual se encontra o rochedo, está ladrilhada de ouro. (Estes ladrilhos de ouro são talvez a desfiguração de mosaicos romanos, que alguém visse; pensa isto a respeito de Vizella o Sr. Martins Sarmiento.—Vid. *Revista de Guimarães*, 1884, p. 167). Aquelles cidadãos, nossos

Está ella situada dentro das muralhas do mais perfeito e completo castro, que possui o referido concelho e que espero poder explorar um dia.

É o *Forte das Necessidades* ou o Castro de Cabreiro, nome da freguesia.

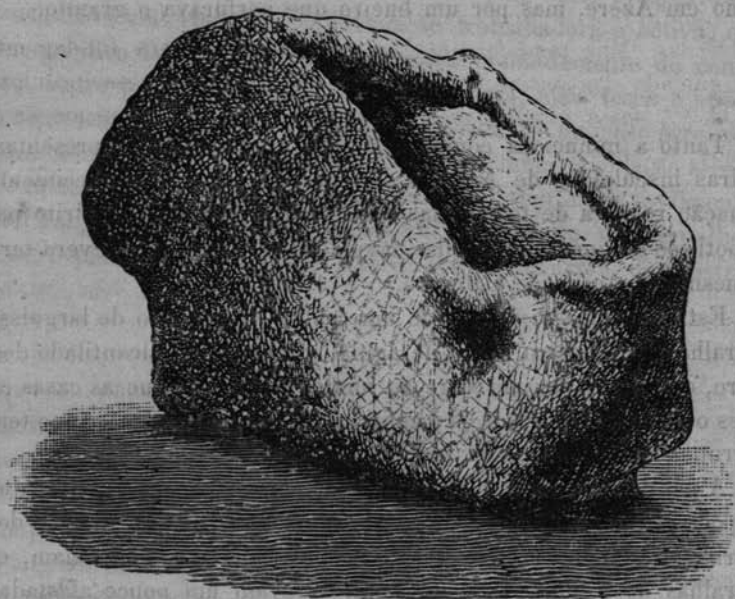


Fig. 3

vizinhos, fazem por vezes em o nosso territorio algaras em nome de S. Cypriano, deixando (?) em determinados sitios covas, *que a terra extraida não enche depois*; por estes factos são mysteriosamente olhados como gente muito sabida em desencantamentos de riquezas.

A sepultura, a que me estou referindo de passagem nesta nota, servia, disseram-m'o, para as mouras amassarem o pão, que depois iam cozer a uma casa (casa torreada de Aguiã) tambem d'esse tempo (!), a qual fica fronteira do outro lado do rio, passando as fornadas para lá por meio de uma corda suspensa sobre o valle e fixa nos dois pontos!

O povo acha semelhança entre a cavidade descripta e uma *masseira* ou amassadeira de pau, em que se amassa e leveda a farinha; d'aqui provém, creio eu, a orientação da lenda. Na Escandinavia, as *covinhas* tambem serviam para moer a farinha (Vid. *Heligiões da Lusitania*, por J. Leite de Vasconcellos, 1, 356).

O penedo de Gondoriz (tal é o nome da freguesia) não está em castro algum, mas não longe ha um lugar de casas com esse appellido e a conveniente disposição topographica. É, quanto a mim, um monumento bem diverso d'aquelle a que me refiro no texto (vid. *O Arch. Port.*, 1, 189 e *Expedição á Serra da Estrella*, est. ix).

Esta sepultura não tem orificio algum, como as que menciona *O Arch.*, 1, 128.

Como se vê pela gravura, o receptaculo é muito menos profundo que em Azere, e a sua forma é muito diversa. É rectangular e foi insculpido na parte superior de um penedo, que parece conservar-se ainda na sua primeira posição.

O esvasiamento do recipiente fazia-se, não por um rego aberto como em Azere, mas por um bueiro que perfurava o granito.

*

Tanto a minuciosa comparação das gravuras que representam as pedras insculpidas de Azere e de Cabreiro, como o conhecimento da situação relativa de todas ellas fazem-me propender o espirito para a hypothese de que o destino das cavidades de Azere não devera ter sido o mesmo que o da de Cabreiro.

Esta encontra-se dentro de um castro circumdado de larguissimas muralhas, verdadeiro ninho de aguia, vigiando um alcantilado desfiladeiro, que o rio Vez percorre ao fundo, castro em que as casas circulares ou quadradas dos seus primitivos habitantes disputavam o terreno a grupos desordenados de fragões graníticos.

A *pia* de Azere e as suas irmãs pertenciam, é verdade, tanto quanto se pôde julgar, a um castro, que provavelmente não teve mais do que entrincheiramentos de troncos e terra, que ainda se denunciam, e não muralhas de robustos silhares, mas estavam um pouco afastadas do nucleo da povoação, em terrenos que se ligam ás encostas do castro, talvez desprotegidas.

Fosse qual fosse o destino da *pia* de Cabreiro, parece que os castrejos a queriam bem dentro das suas cyclopicas muralhas, com as quaes, talvez numa rapida hora de pavor e sobresalto, coroaram a crista de um monte, que alcandora sobre o leito fragoso e espumante do Vez os seus quasi 300 metros de ravina.

Ao contrario, os habitantes de Azere, sitio menos serrano do que Cabreiro, que é ainda hoje montanha quasi erma e perdida num anfractuoso desvio da serra de Soajo, esses não julgaram necessario guardar no centro das suas obras de defesa e segurança o perfeito trabalho que a fig. 1 representa e que hoje nos attesta a pertinacia dos que, provavelmente com imperfeita ferramenta, sabiam como nós insculpir o mais duro granito¹.

¹ A este respeito quero contar o que ha pouco tempo vi e que me deixou não direi maravilhado, mas algo reflexivo. Numas pedras de granito, junto das

Da situação dos penedos referentemente aos dois castros em que estavam, se póde inferir tambem, quanto a mim, não só a diversidade de destino, mas talvez até a desigualdade de importancia que estes monumentos tiveram. Quem sabe se algumas das cavidades foram feitas tranquillamente em longas horas de paz e de prosperidade, para utilidade material de uma povoação trabalhadora e activa, que no seu pacifico labor agricola se alargava confiadamente do centro do seu castro para a terra chã; e alguma outra, mais tosca e imperfeita, representava comtudo a imposição de um uso ou culto arreigado de que, nem em horas de aperto e vigilancia, uma população alvorçada e intransigente podia prescindir, pela sua importancia tradicional?

Mera supposição para a mysteriosa *pia* de Cabreiro, mas hypothese racional e plausivel para as de Azere, como procurarei demonstrar.

*

As duas cavidades reproduzidas pelas fig. 1 e 3 tem apenas de *commum* a disposição conveniente para o exgotamento de um corpo liquido; na de Azere é um rego com adufa ou *pejadouro*, na de Cabreiro um simples bueiro.

O mais é tudo differente: — fôrma da excavação, profundidade da fossa e situação relativa ao castro e ao solo circumjacente.

A de Azere está poucos decimetros a cima do nivel do terreno; a de Cabreiro foi insculpida num penedo elevado que faz parte de um d'estes grupos de fragas, vulgares nas regiões do granito.

O mais seguro juizo que posso formar sobre esses dois archaicos monumentos é a sua connexão com os dois castros de Azere e de Cabreiro; ambos são contemporaneos d'esses dois nucleos de povoação; embora o de Azere me pareça ter penetrado mais em tempos franca-mente historicos.

A escassez e rareza de casos analogos tornam o estudo comparativo quasi improficuo e não permitem que o raciocinio abandone o terreno vacillante das hypotheses mais ou menos plausiveis. É preciso

quaes brincava um pastorsinho, notei eu umas *buraquinhas* muito regularmente abertas. Mostrando-me um pequeno seixo de gneiss, declarou-me o rapaz que era elle quem se entretinha a fazê-las, com repetidas pancadas do seixo, emquanto as vacas pastavam. Quando um se inutilizava, substituia-o por outro novo. Uma das *buraquinhas* levava-lhe uma semana a fazer!

ainda que se reunam muitos mais elementos de estudo para respigar alguma conclusão segura.

Entretanto não deixarei de apresentar as considerações que ao meu espirito suggere a reflexão sobre estes monumentos castrenses. Exponho-as assim á ponderação dos leitores d-*O Archeologo*, mais competentes e mais experimentados de que eu. Em todo o caso, a mingua de elementos e dados comparativos obriga-me a formular os meus juízos com reserva.

*

Se para a referida pia de Azere, o character religioso parece que deve ser fundamentalmente posto á banda ¹, para a de Cabreiro não encontro base sólida em que possa assentar qualquer juízo, a não ser o de lhe recusar destino igual á de Azere, seja qual fôr o d'esta ².

É o que me resulta da comparação de duas cavidades tão diferentes.

¹ Nenhum argumento me compelle a aceitar para esta tal explicação, que aliás as poucas razões que deduzo no texto tambem repudiam.

² E comtudo encontrar-se-ia em várias obras a descripção de recipientes cavados na rocha, alguns dos quaes evidentemente tiveram um destino religioso e que talvez pudessem ser invocados para anortear o espirito no estudo da pia de Cabreiro.

Rougemont (*Âge du bronze*, p. 56) cita uma pedra oscillante em Perros Guyrech que tem insculpida uma cavidade com o seu respectivo bueiro e varios outros penedos errantes, estes porém com pequenas fossas (*ibid*, p. 70). Dentro da grande anta de New-Grange appareceram dois recipientes circulares de pedra, que deviam ter tido um uso funerario e cultural (vid. *Les monuments mégalithiques*, par Fergusson, trad. de Hamard, p. 217, e Rougemont, *ob. cit.*, p. 378). O mesmo se viu em Lough-Crew (vid. Rougemont, *ob. cit.*, p. 230).

Nas *Antigüedades prehistoricas y celticas de Galicia*, por Villa-Amil y Castro, vem citadas várias cavidades em rochedos, que pela deficientissima descripção do A. lembram as de Azere e Cabreiro e igualmente estão situadas em castros; são as de Coto da Recadeira (p. 41) e Peña avaladoira (p. 51).

O Sr. Martins Sarmiento, na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, (vol. III, p. 190) refere que no castro de S. Lourenço (Villa-Chã, Barcellos) ha «uma pia refundada num penedo a pouca distancia das ruinas e que está sempre cheia de agua». É pena que o eminente ethnographo calasse o que com tanta auctoridade nos poderia dizer.

N-*O Arch. Port.*, II, 91, vem incompletamente referido um tanque aberto no penhasco, isto no Alemejo; do Douro (Resende) citam-se tambem pias redondas e quadradas, abertas na rocha (vid. *O Arch. Port.*, I, 9).

Te-ão alguns d'estes recipientes no bueiro de despejo a disposição que caracteriza uma das pias de Azere e que é, quanto a mim, o principal indicio e o

Referir-me-hei pois primeiramente a esta¹.

A hypothese que mais acertada parece é que essa fossa tinha um destino agricola ou mais restrictamente serviria para alguma operação do fabrico do vinho ou do azeite.

E é curioso que seja ainda esta a interpretação popular, o que lhe daria quasi fóros de tradição se a esta precisasse ou pudesse eu recorrer².

Tambem não deixaram de apparecer nos entulhos das excavações, que em 1893 fiz neste castro, muitos restos de *dolia* ou antes *seriae*. (Vid. *O Arch. Port.*, 1, 167: fig. 2, n.º 19).

Que razões me levam a preferir pois esta explicação?

Primeiro, a fórma da cavidade e a do canal de exgoto. A disposição do rego ou canal adequada para a adaptação de uma comporta ou corrediça denota plausivelmente, que este recipiente devia conter uma massa d'onde se pudesse extrair, pela pressão, um liquido num dado momento. Como a comporta não ajustaria hermeticamente nas paredes do rasgo competente, em consequencia da granulação do granito grosseiro³, é evidente que a pia não podia servir para depósito, ainda temporario, de um liquido isolado.

melhor argumento em favor da serventia agricola que lhe assigno? Nada se diz, mas é provavel que particularidade alguma as distinga. Será desacerto alinhar pois estes factos ao lado da pia de *Cabreiro*?

Quod est demonstrandum. Muitas vezes me tem occorrido este pensamento: se Panoias não tivesse por si as suas epigraphes, o que pensariam os archeologos de todos aquelles tão variados recipientes? Seria talvez um mysterio mais cerrado que o segredo de Edipo.

¹ A proposito de cavidades, e para que me não seja imputada confusão, devo dizer que, nos altos fragões das serras, tenho eu encontrado algumas em que ha contornos helioidaes, muitas vezes insuladas, outras vezes conjugadas caprichosa e pittorescamente, as quaes só tem que ver, segundo me parece, com os geologos. São irmãs das que se vêem no leito de rios ou correntes caudalosas e das que produzem as geleiras, aonde as ha ou aonde as houve. Cito, por exemplo, o *sino da moura* (Gondoriz) que é dos mais curiosos exemplares d'este phenomeno e que com *mouras* creio que só tem alguma cousa, desde que as verdadeiras se extinguiram cá.

² É singular não ter este penedo ligada a elle alguma credence popular e tê-la o tal *sino da moura*, aonde ainda vi, quando o visitei, pingos de cera, provenientes da vela benta com que dias antes um reverendo presbytero julgára mais liturgico e efficaz fazer illuminar o seu latim para desencantamento do thesouro.

³ Se o mesmo systema ainda hoje se adopta no systema de irrigação e distribuição de ágoas para regas, é porque se trata de um liquido sempre corrente e constantemente renovado em grande abundancia, o que permite que se desprezem as pequenas escorreduras das adufas.

A massa humida era naturalmente a uva ou a azeitona. A fórma da cavidade lembra o recipiente de um *torculum*.

E não deve, creio eu, extranhar-se que, num humilde castro da Gallicia, venha encontrar-se um lagar singelo e rude ou seus vestígios, construído por um systema um pouco differente d'aquelle que se adoptava em outras regiões, já em tudo senhoreadas por uma civilização inteiramente romana.

Assim como em Azere, apparece ceramica de um typo indigena, castrense, se assim o posso dizer, ao lado de outra de character ou mesmo de procedencia romana, que é de espantar que os castrejos de Azere produzissem o seu precioso nectar por um systema cuja disposição, muito provavelmente anterior ao advento dos seus conquistadores, não coincidia com o modelo mais generalizado nas regiões civilizadas?

Rich no seu *Dict. des ant. rom. et grecq.*, s. v. *Torcular*, descreve o systema primitivamente empregado para espremer o bagaço da uva ou da azeitona. Constava simplesmente de um grande calhau e de uma alavanca adequada. Esta servia para conservar erguido o calhau, enquanto por baixo d'este eram amontoadas as uvas; pelo proprio pêso da pedra, talvez mesmo augmentado por uma acção conveniente da alavanca, se conseguia depois a espremedura da massa.

Diz mais a baixo Rich que posteriormente a este simples processo se introduziu outro que consistia no emprêgo de uma trave (*prelum*) fixa por um extremo (*lingula*), a qual podia descer pela outra extremidade ligada a um cabrestante (*sucula*), sobre o espaço (*area*) aonde as uvas se accumulavam, talvez retidas em ceiras ou fasquias (*fiscinae, regulae*).

Não vejo em Azere vestígios da intervenção da trave d'esta última especie, com os respectivos accessorios do *torcularium* de Gragnano. Mas creio facilmente que o systema de Azere representa um notavel aperfeiçoamento do apparatus primevo, como que um systema intermediario entre o mais rude e o posterior do cabrestante e cadernal.

Se imaginarmos que o recipiente de Azere representa a *area* do lagar da Gragnano num processo porém de vinificação mais simples do que esse, embora um pouco mais perfeito que o do baixo relevo do Museu de Napoles, pois que em Azere o *pes vinaceum*, em vez de ser amontoado e retido em *fiscinae*, era esmagado numa prensa ou pia de granito, por cujo canal saía inferiormente só o liquido, ficando o pé ali detido pela adufa corrida a meio do rego, temos formulado uma hypothese que explica plausivelmente e sem violencia o fim para que os antigos habitantes do castro de Azere rasgaram uma cavidade d'aquellas dimensões em durissimo granito.

*

Nas explorações feitas pelo illustre archeologo da Figueira, o Sr. Santos Rocha, na freguesia de Bensafrim, appareceram restos de um *torcularium*, composto de uma *area* ou propriamente de um lagar e de um recipiente, aliás não descriptos em Rich e que parece corresponder á lagareta ainda usada no Minho, para a qual corria o sumo da uva e aonde este era colhido até ás derradeiras gotas.

Essa fossa circular faz-me lembrar a pia de Azere. Ambas são circulares e, se a de Bensafrim tem 0^m,82 de diametro, a de Azere não differe muito, pois mede 0^m,85 a 1 metro. Esta é porém menos profunda¹.

Em Panoias, uma das fragas, que Argote suppõe ser um lagar e parece na verdade tê-lo sido, o liquido escorria de um *torcular* quadrado para uma pia circular, especie de lagareta. O rego do *torcular* parece pela gravura² ter uma disposição singular, que aliás se não adivinha pelo nada que Argote nos diz. O liquido que esta fossa pudesse conter, era exgotado por meio de vasos, pois não tinha bueiro ou bica como tem a de Bensafrim e de Azere³.

*

Falta ainda referir-me especialmente ás outras duas insculpturas situadas nos terrenos adjacentes ao castello de S. Miguel-o-Anjo.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, II, 66 e III, 82.

² Nada menos proveitoso e mais antiscientifico de que as gravuras com que Argote quis illustrar a sua obra e auxiliar as suas descripções. São feitas com um pedantismo artistico que, se obedecia á orientação esthetica do seculo, faltava desfaçadamente ás normas de uma reprodução fiel e verdadeira.

É triste que, se as insculpturas de Panoias estão a perder-se, se perca tambem d'ellas uma representação exacta e rigorosa.

³ Já depois de escripta esta noticia e mostrando eu casualmente o desenho da fig. 1 a uma pessoa de idade avançada, me disse ella que em casa de seus avós, se lembra de ter visto na adega uma lagareta tambem aberta na rocha e que ainda servia para a vinificação. Era porém quadrada. Na mesma rocha em plano superior á lagareta e aproveitando-se para lastro do lagar a horizontalidade da lage, estavam collocados em quadro os silhares que o constituíam.

Vae bem perto, dos tres modelos de *torculum* de Azere, áquelle systema de vinificação, posso dizer, nosso contemporaneo! Deve notar-se mais que em todos elles se aproveitou tambem a superficie mais ou menos lisa da rocha para uma primeira operação do fabrico do vinho.

Uma d'ellas teve evidentemente não só destino, mas funcionamento identico ao da que a fig. 1 representa. Ha apenas a differença da profundidade da excavação e da maior simplicidadé do canal; é por assim dizer obra mais tosca; circumstancia esta que não destroe a analogia das duas fossas e do modo do seu aproveitamento.

A outra, porém, a que corresponde á fig. 2, tem uma particularidade que a distingue notavelmente das duas outras, sobre que já fiz as minhas considerações.

Em todas tres existe uma excavação circular ou quasi circular, proxima ás bordas dos lajões. É um ponto de contacto. Nesta porém ha uma segunda fossa quadrangular, aberta pelo lado externo, mas que apesar d'isso, pela disposição curva do lastro, indica ter tambem servido a receber no fundo uma pequena quantidade de liquido que tivesse de ser extraido depois, talvez com pequenos vasos.

Se o destino d'estes dois ultimos monumentos era o mesmo que o da fig. 1, fica obscura a serventia especial da cavidade quadrangular que destaca dos outros o rochedo a que me estou referindo. Que essa cavidade se destinava a recolher o liquido produzido sobre a face superior da pedra no ambito da bacia circular, não póde haver dúvida, embora a quantidade de liquido que ella pudesse conter fosse insignificante. Nos lados menores d'este pequeno receptaculo não ha vestigios de comporta ou cousa que o pareça e que augmentasse a sua capacidade util.

Mas é circumstancia que me fere o espirito, acharem-se estes tres monumentos numa pequena area de terreno, sobre as encostas fronteiras de um mesmo convalle, a curtas distancias uns dos outros. Parece poder deduzir-se que o seu destino era identico, embora hoje não saibamos explicar cabalmente o funcionamento das suas partes. Junto dos rochedos insculpidos, ha vestigios bem patentes de antigas culturas; o terreno, que é declivoso, foi cortado de pequenas *leiras* ou folhas de terra escalonadas, que ainda se conservam protegidas pelo matto que nellas cresce. D'aqui proveiu dizer-me o meu cicerone que aquillo já fôra cultivado e até corria que ali tinha sido a casa da quinta, de que hoje a singular devesa fazia parte. Mas seria ir demasiado longe pretender relacionar esses apagados vestigios com as insculpturas de que tenho tratado.

Eu creio todavia que estes tres monumentos de Azere avançaram bastante pelos primeiros seculos da era christã; vimos já que do castro sobranceiro ha um antoniniano do sec. III. (Vid. *O Arch. Port.*, IV, 233). A existencia de tres monumentos similares, plausivelmente de uso agricola, tão proximos entre si que o mais distanciado não se afas-

tou 300 metros, parece ligar-se a um modo de ser social, pacificado e laborioso, com uma população densa¹ e uma cultura intensivamente explorada.

Mais a baixo, mas ainda proximo e á vista do castro, vou eu encontrar, em lugar hoje assignalado com a denominação de *Cerca*, vestígios de antiga povoação cujos habitos se prendiam ainda aos da população castrense. Tijolos, restos de columnas e um fragmento de toscó instrumento de pedra, analogo aos do *Castello*, depararam-se-me em uma simplez pesquisa do local. (Vid. *O Arch. Port.*, IV, 232, nota 2).

A pequenissima profundidade das duas excavações circulares de que me occupei ultimamente, a qual em uma não passa de 0^m,05 e na outra de 0^m,1, tambem suggere a ideia de que ali se amontoava uma massa, d'onde escorria o liquido aproveitado ou directamente para um vaso através de um canal ou por intermedio do singular recipiente quadrangular de pedra, que caracteriza o rochedo da fig. 2.

Nas circumstancias em que se apresenta o rochedo a que me tenho referido, e dada como muito provavel a explicação que proponho para a *pia* da fig. 1, é tambem plausivel que identico ou analogo fosse o destino das insculpturas que assignalam aquella pedra, embora possa ficar incomprehendida a parte que tomava na operação agricola a cavidade rectangular contigua ao receptaculo superior, cavidade que para ser utilizavel, teria precisado da collocação supplementar de uma pequena tábua, no lado aberto. E vestígios d'esse accessorio bem os procurei, mas, ou nunca os houve, ou o tempo os expungiu da superficie do granito.

*

D'esta já prodiga serie de considerações, se conclue que são ainda escassos os dados que a história e a ethnographia comparada fornecem para o estudo do problema que nos impõem estes monumentos protohistoricos — as *pias* dos *castellos* de Azere e de Cabreiro.

Era pois altamente proveitoso que se divulgassem reproducções ou photocopias de monumentos analogos áquelles, acompanhadas de minuciosa descripção.

Aos leitores d'*O Archeologo* apresento o problema; os que tem acaso elementos para o esclarecer, prestam um valioso serviço á sciencia, dando fim a um indefenso silencio.

Arcos, Agosto de 1898.

F. ALVES PEREIRA.

¹ São muito numerosos os castros na região de que me occupo.